

Determinantes do empreendedorismo feminino nas áreas rurais do Brasil em 2019

Maria dos Santos Marques¹
Keuler Hissa Teixeira²

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar como as características individuais, domiciliares e regionais influenciam os determinantes do empreendedorismo feminino no ambiente rural no Brasil, a partir do modelo logit, utilizando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019. Especificamente, pretende-se investigar a probabilidade de mulheres rurais se tornarem empreendedoras por atividades agrícolas e não-agrícolas. Além disso, almeja-se examinar como a renda domiciliar per capita afeta o empreendedorismo feminino rural por quantis de renda. Os resultados principais revelam que no Brasil, as chances das mulheres se tornarem empreendedoras rurais são influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo raça, idade, educação, tamanho da família, renda per capita, acesso a tecnologias, aspectos regionais e apoio governamental, como aposentadoria, participação em sindicatos e programas sociais como o Bolsa Família.

Palavras-chave: Empreendedorismo rural feminino, modelos *logit*, Brasil.

Código JEL: J21, J24, L26

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how individual, household and regional characteristics influence the determinants of female entrepreneurship in the rural environment in Brazil, based on the logit model, using microdata from the Continuous National Household Sample Survey (PNADC) of 2019. Specifically, we intend to investigate the probability of rural women becoming entrepreneurs in agricultural and non-agricultural activities. Furthermore, we aim to examine how per capita household income affects rural female entrepreneurship by income quantiles. The main results reveal that in Brazil, women's chances of becoming rural entrepreneurs are influenced by a variety of factors, including race, age, education, family size, per capita income, access to technologies, regional aspects and government support, such as retirement, participation in unions and social programs such as Bolsa Família.

Keywords: Female rural entrepreneurship, logit models, Brazil.

JEL Classification: J21, J24, L26

Área temática 11: - Empreendedorismo, redes, arranjos produtivos e inovação

¹ Mestranda em Economia pelo Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Bacharel em Administração pela Faculdade Cesmac do Sertão (Alagoas). E-mail: marquesmaria123@outlook.com

² Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: keulerhissa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo no Brasil cresceu surpreendentemente nos últimos anos, impulsionando o desenvolvimento econômico e a geração de empregos. De acordo com os dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 2019, a taxa de empreendedorismo no Brasil foi de 38,7%, representando 53,5 milhões de brasileiros envolvidos em atividades empreendedoras. Segundo Dias et al. (2019), durante muito tempo, a literatura se concentrou no empreendedorismo urbano, com foco nas indústrias, no comércio e na inovação de produtos. No entanto, o empreendedorismo na área rural tem uma correlação com o desenvolvimento regional. Balraj e Velmurugan (2017), destacam que o empreendedor rural facilita o desenvolvimento rural ao otimizar recursos e gerar empregos, reduzindo a migração para áreas urbanas. Essa relação entre os pequenos negócios familiares e o empreendedorismo rural fortalecem a economia local e sustentam o desenvolvimento econômico rural. O empreendedor rural é aquele que busca aprimorar sua propriedade com novos cultivos e tecnologias para aumentar a produtividade e reduzir custos (Kahan, 2012).

Nesse contexto, destaca-se que a presença e a contribuição das mulheres no empreendedorismo foram discretas por muito tempo. Segundo o IBGE (2010), mulheres rurais contribuíram com 42,4% do rendimento familiar, mostrando a evolução da participação feminina no mercado de trabalho. De acordo com o SEBRAE (2019), as mulheres representam 15% dos empreendedores rurais. Tonial (2013), destaca que a mulher empreendedora rural é importante para implementar políticas públicas que valorizam agricultoras familiares. Essas ocupam posições estratégicas na sustentabilidade rural, produção agrícola e atividades não-agrícolas. Para Felisbino e Yamaguchi (2016), as mulheres desempenham um papel fundamental na preservação do território rural, promovendo o desenvolvimento local e conservando o patrimônio agrícola. Müller e Korsgaard (2017), ressaltam a importância do contexto espacial e dos recursos disponíveis no empreendedorismo rural, influenciando decisões sobre produção, colaboração e mercados.

Dado o exposto acima, é fundamental entender os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino rural para potencializar sua contribuição no desenvolvimento local. Dessa forma, quais fatores individuais, domiciliares e regionais condicionam as mulheres a se tornarem empreendedoras no ambiente rural do Brasil? Sendo assim, este estudo tem como objetivo analisar como as características individuais, domiciliares e regionais podem influenciar os determinantes do empreendedorismo feminino no ambiente rural do Brasil. Especificamente, pretende-se analisar a probabilidade individual das mulheres se tornarem empreendedoras, considerando as características econômicas e sociais em áreas rurais. Esta análise será feita a partir do cálculo das razões de chances, no ano de 2019, abrangendo atividades agrícolas e não-agrícolas. Além disso, almeja-se examinar como a renda domiciliar per capita influencia o empreendedorismo feminino rural em diferentes quantis de renda.

Para isso, será utilizado o modelo logit, empregando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ano de 2019 é particularmente relevante para este estudo porque precede a irrupção da pandemia de COVID-19, que começou em 2020 e trouxe consigo mudanças significativas nas dinâmicas econômicas e sociais globalmente. Ao focar em 2019, é possível obter uma visão clara das condições pré-pandêmicas, oferecendo uma linha de base estável para entender o empreendedorismo rural feminino sem as distorções causadas pela crise sanitária e econômica subsequente. Este estudo, além da introdução, está estruturado em várias seções. A primeira delas é uma revisão da literatura sobre empreendedorismo feminino rural, que será apresentada na próxima seção. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada e os dados empregados. Posteriormente, é apresentada a análise dos resultados e, por último, as considerações finais.

REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), empreendedorismo é definido como o esforço para criar um novo empreendimento, seja uma atividade autônoma ou uma empresa, formalizada ou não, e a expansão de negócios existentes (GEM, 2017). O empreendedorismo pode ser motivado por oportunidade ou necessidade (Corrêa; Vale; Reis, 2014). Empreendedores por necessidade iniciam negócios por falta de alternativas, enquanto empreendedores por oportunidade fazem isso como uma chance de investimento. O empreendedorismo, assim, pode oferecer mais vantagens do que o trabalho assalariado (Terjesen; Amorós, 2010). Estudos de Kangasharju (2000), Armington e Acs (2002), e Carree e Thurik (2008), mostram que fatores pessoais e regionais influenciam a decisão de empreender. Características socioeconômicas e geográficas podem aumentar ou diminuir a probabilidade de alguém se tornar empreendedor (Menezes et al., 2015).

O empreendedorismo rural tem sido um forte elemento de mudança para o desenvolvimento econômico rural, garantindo valor aos recursos nas zonas rurais, o que inclui diferentes atividades, como agricultura, comércio e indústria (Alabi; Famakinwa, 2019). Tradicionalmente, visto como um local dedicado à agricultura e pecuária, com limitadas dinâmicas e pouca variedade em tecnologias e produtos em comparação com as áreas urbanas, o meio rural vem experimentando mudanças contínuas nos mercados. Essas transformações estão incentivando os produtores rurais a se adaptarem a novas tendências e hábitos de consumo (Santos et al., 2021). Para Schmidt e Bohnenberger (2009), o empreendedorismo rural destaca-se como um setor que tem forte relação com o desenvolvimento regional, e o agente transformador para essa mudança está na figura do empreendedor, o qual poderá ter oportunidades em desenvolver atividades econômicas e, em consequência disso, contribuir para que a economia local se torne mais dinâmica e competitiva. De acordo com Veiga (2001), os estabelecimentos agrícolas, que são em sua maioria pequenos negócios familiares e muitas vezes informais, revelam-se ricos em habilidades empreendedoras e funcionam como impulsionadores do empreendedorismo. Esses negócios, variando de artesanatos a agroindústrias, desempenham um papel importante na diversificação da economia rural.

Vale frisar que a gestão do agronegócio, historicamente, apresenta um maior envolvimento de homens, apesar de sempre ter existido a participação de mulheres nessa área. As mulheres têm papel fundamental na produção de alimentos, entretanto, essa importância é omitida em vários níveis da cadeia produtiva e, particularmente, na produção agrícola, onde o ambiente rural é estereotipado como ambiente de produção exclusivamente masculino (Lisboa; Lusa, 2010). Para Butto e Dantas (2011), o empreendedorismo feminino em contexto rural é relevante, uma vez que pode contribuir para a manutenção das comunidades no campo, por possibilitar elevar o nível social e econômico das mulheres, bem como promover a participação delas em atividades econômicas que anteriormente eram desenvolvidas apenas por homens.

Quando se trata do empreendedorismo feminino, a literatura aponta alguns motivos pelos quais as mulheres optam por se tornar empreendedoras. Por exemplo, no Cazaquistão, a motivação empreendedora das mulheres que atuam no empreendedorismo rural vem da necessidade de gerar renda (Bui; Kuan; Chu, 2018). Em Israel, as mulheres empreendedoras do meio rural buscam alternativas para a maximização da renda agrícola e para o desenvolvimento profissional (Sofer; Saada, 2016). No entanto, o trabalho feminino no Brasil passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto, como a queda da fecundidade, a redução no tamanho das famílias, o envelhecimento da população brasileira, com maior expectativa de vida das mulheres, e o aumento de famílias chefiadas por mulheres (Cielo; Wenningkamp; Schmidt, 2014). As mulheres estão ocupando cada vez mais atividades que historicamente eram dominadas por homens, como é o caso das atividades econômicas na zona rural. De acordo com dados do CEPEA (2018), a participação

feminina nessas atividades, especialmente nas agrícolas, aumentou em 40% nos últimos anos. Entre 2004 e 2015, houve uma redução de 6,6% na população ocupada (PO) no agronegócio. Nesse mesmo período, enquanto o número de homens trabalhando no setor rural diminuiu 11,6%, houve um aumento de 8,3% no número de mulheres atuando no campo. Isso resultou em um aumento na participação das mulheres no agronegócio, passando de 24,1% para 28%. Apesar desse crescimento, a participação feminina ainda é baixa no meio agro brasileiro (CEPEA, 2018).

Afrin et al. (2008), investigaram se os programas de microcrédito têm impacto socioeconômico positivo sobre as mulheres tomadoras de empréstimos rurais em Bangladesh. Utilizando técnica de análise multivariada, a análise fatorial foi conduzida para identificar os fatores relacionados ao desenvolvimento do empreendedorismo. Os dados foram coletados através de entrevistas com 246 mulheres rurais. Foi utilizada modelagem de equações estruturais para desenvolver um modelo de programa de microcrédito e o desenvolvimento do empreendedorismo de mulheres rurais. Os resultados revelaram que as habilidades de gestão financeira e a identidade de grupo têm relação significativa com o desenvolvimento do empreendedorismo das mulheres rurais através de programas de microcrédito. A experiência da família dos pais e o limite de opção também podem levar as mulheres rurais a se tornarem empreendedoras.

Merthy et al. (2017), investigaram o envolvimento das mulheres na atividade empreendedora, buscando compreender as disparidades de gênero para uma compreensão abrangente do fenômeno. A pesquisa abordou o empreendedorismo em economias com diversos níveis de renda, utilizando dados secundários do *Global Entrepreneurship Monitor* em 107 economias. A análise econômica foi realizada por meio da aplicação de dados em painel. Os resultados revelaram que as variáveis analisadas relacionadas com aspirações, atitudes e percepções e o ambiente empresarial da economia impactam a participação feminina no empreendedorismo de diferentes maneiras. Além disso, a relevância da análise por continente e localidade foi destacada, pois apresentou resultados variados na investigação do empreendedorismo feminino.

Segantini e Dickes (2021), investigaram os fatores que impulsionam o sucesso de empresas rurais, com um foco particular nas lideradas por mulheres. Aplicando modelo de Cox e regressão logística, utilizando dados longitudinais do *Panel Study of Entrepreneurial Dynamics* (PSED), de indivíduos que tentam iniciar empresas nos Estados Unidos. Coletadas entre 1999 e 2003 e entre 2005 e 2012, no qual foram pareados em um único conjunto de dados, resultando em 2.044 casos de novas empresas. O estudo explora as diferenças de desempenho entre empresas rurais e urbanas, lideradas por mulheres, particularmente em sua capacidade de persistir no empreendedorismo e gerar lucro. Analisando variáveis como tempo de saída do mercado, tempo até a geração de lucro, probabilidade de sobrevivência e lucratividade das empresas. Os resultados indicaram que o financiamento externo é importante para o sucesso das empresas rurais, sobretudo nas fases iniciais das lideradas por mulheres.

Ghouse et al. (2023), investigaram o impacto das características pessoais no empreendedorismo feminino rural, especificamente dentro de empresas familiares em Omã. O estudo abordou como as mulheres empreendedoras rurais gerenciam estrategicamente seus negócios, considerando as condições do mercado, aspectos financeiros, desafios operacionais, dinâmica organizacional e fatores de inovação. Utilizando uma abordagem de método misto, os autores coletaram dados quantitativos de 183 empresárias rurais, tanto formais quanto informais, por meio de um questionário semiestruturado. A análise foi realizada por meio da aplicação fatorial exploratória (AFE), no qual foi empregada para identificar objetivos estratégicos, enquanto a análise fatorial confirmatória (AFC), avaliou o alinhamento da abordagem proposta com os dados da amostra. Os resultados revelaram a influência

significativa da idade e educação nos objetivos estratégicos, motivação e tomada de decisão das mulheres empreendedoras rurais.

No Brasil, algumas mulheres são impulsionadas a trabalhar em áreas rurais devido às oportunidades econômicas oferecidas. Por outro lado, para mulheres de baixa renda, existem programas do governo destinados a ajudar a manter essas famílias no campo. Lima e Duarte (2021), investigaram o impacto do Programa Bolsa Família (PBF) na oferta de trabalho das mulheres beneficiárias em áreas rurais do Brasil. Utilizando dados da PNAD (2014), aplicando métodos como *propensity score matching* e mínimos quadrados ordinários, o estudo analisou grupos de tratamento (beneficiárias) e controle (não beneficiárias), com análise de robustez. Os resultados indicaram que o Programa Bolsa Família não cria dependência nas beneficiárias, que trabalham tanto quanto as não beneficiárias em suas propriedades (Lima; Duarte, 2021).

Para Serpa et al. (2022), o empreendedorismo feminino representa uma alternativa de geração de renda diante do desemprego no Brasil, ao mesmo tempo em que as mulheres desempenham múltiplos papéis na sociedade. Seu estudo investigou os determinantes do empreendedorismo feminino no país, utilizando microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015. Empregando uma abordagem empírica e um modelo de escolha discreta, analisaram a influência de variáveis como escolaridade, presença de crianças menores de 10 anos no domicílio e estado civil. Os resultados indicaram efeitos significativos desses fatores na decisão de empreender.

METODOLOGIA E BASE DE DADOS

O estudo adota a metodologia proposta por Serpa et al. (2022), utilizando modelos de escolha discreta para investigar o empreendedorismo feminino. Esses modelos analisam variáveis dependentes binárias, concentrando-se na decisão de participar ou não em atividades empreendedoras, calculando probabilidades discretas e maximizando a utilidade esperada. Entre os modelos de escolha binária, destacam-se o *Probit* e o *Logit*, que se diferenciam pela distribuição do termo de erro aleatório, normal no *Probit* e logística no *Logit*.

Neste estudo, utilizamos o modelo Logit para examinar os determinantes do empreendedorismo feminino em áreas rurais, considerando fatores individuais. A variável dependente deste modelo é categórica, diferenciando mulheres empreendedoras (valor um) de não empreendedoras (valor zero). A probabilidade de uma mulher residente em área rural tornar-se empreendedora depende de um conjunto diversificado de fatores, com o termo de erro seguindo uma distribuição logística. Portanto, a função de probabilidade condicional do modelo Logit é empregada para a análise:

$$Pr(y_i = 1|x'_i) = G(x'_i) = \frac{\exp(x'_i\beta)}{1+\exp(x'_i\beta)} \quad (1)$$

O termo $G(\cdot)$ denota a função de distribuição acumulada de uma distribuição logística. Assim, y_i assume o valor um se a mulher residente em área rural for empreendedora, e zero se não for. O vetor x'_i inclui as variáveis explicativas que abrangem características individuais, demográficas, socioeconômica e geográficas. A estimação do modelo é realizada usando o método de máxima verossimilhança, que seleciona estimativas dos parâmetros desconhecidos que maximizam o valor da função de verossimilhança. A função de verossimilhança do modelo Logit é expressa como:

$$L(\beta) = \sum_i^N \left\{ y_i \ln \left(\frac{\exp(x'_i\beta)}{1+\exp(x'_i\beta)} \right) + (1 - y_i) \ln \left(\frac{1}{1+\exp(x'_i\beta)} \right) \right\} \quad (2)$$

Os coeficientes derivados pelo método de máxima verossimilhança no modelo Logit não podem ser interpretados da mesma maneira que aqueles obtidos pelo método de Mínimos Quadrados Ordinários. A não linearidade do modelo Logit impede que o valor absoluto dos coeficientes tenha uma interpretação econômica direta. Portanto, a análise desses coeficientes deve se concentrar no sinal e na significância estatística.

Ao contrário do modelo de regressão linear convencional, onde o coeficiente β permite estimar diretamente o efeito das variáveis explicativas sobre a variável dependente, na regressão logística os parâmetros obtidos não refletem exatamente o efeito do regressor sobre a variável preditora. Isso ocorre porque o efeito também é influenciado pela probabilidade de o evento não ocorrer (Greene, 2020; Cameron & Trivedi, 2005). Portanto, no modelo Logit, a interpretação dos coeficientes é mais adequada através dos efeitos marginais nas razões de chance (*odds ratio*), que representam a relação entre a probabilidade de ocorrência do evento e a probabilidade de não ocorrência. Dessa forma, a razão de chances que indica a ocorrência de um determinado evento dada por:

$$Odds = \frac{Prob(Y=1|x')}{Prob(Y=0|x')} = \frac{exp(x'_i\beta)/[1+exp(x'_i\beta)]}{1/[1+exp(x'_i\beta)]} = exp(x'_i\beta) \quad (3)$$

Linearizando, tem-se que

$$\ln \frac{p}{1-p} = x'_i\beta$$

Para verificar o ajuste do modelo de regressão logística, utilizamos o teste de *Hosmer-Lemeshow*, que compara as frequências observadas com as estimadas na amostra. Neste estudo, a adequação do modelo aos dados será avaliada por meio de uma variante do teste de *Hosmer-Lemeshow*, conforme descrito por Archer e Lemeshow (2006).

Base de dados e variáveis de estudo

Para avaliar os condicionantes do empreendedorismo rural feminino, faz-se uso da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua (PNADC)³, em 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Vale destacar que a escolha do ano de 2019 é especialmente significativo para esta análise, pois antecede o início da pandemia de COVID-19 em 2020, que resultou em mudanças globais significativas nas dinâmicas econômicas e sociais. Esta abordagem permite uma análise mais precisa das tendências e fatores que influenciavam o empreendedorismo feminino em ambientes rurais antes da pandemia, servindo como um ponto de comparação essencial para estudos futuros que desejam avaliar o impacto da pandemia nesse contexto específico.

Neste estudo, foram selecionadas mulheres de 18 a 64 anos em áreas rurais aptas a escolher uma ocupação. A variável dependente, empreendedorismo feminino rural, categoriza as participantes em dois grupos: empreendedoras rurais (valor 1), atuando como “conta própria” ou “empregador”, e não empreendedoras (valor 0), incluindo “empregadas”, “trabalhadoras domésticas”, “trabalhadoras na construção para uso próprio”, “trabalhadoras não remuneradas membros de unidades domiciliares” e “outras trabalhadoras não remuneradas”. Para características residenciais, a variável binária "Responsável pelo domicílio" indica se a mulher é a responsável pelo domicílio (0 para "Não" e 1 para "Sim"), com a primeira como categoria de referência. Examina-se como essa condição influencia a iniciativa empreendedora comparando mulheres responsáveis pelos domicílios com as que não são. O "Número de moradores no domicílio" foi categorizado como: (0) um morador (referência), (1) dois moradores e (2) três ou mais moradores, avaliando como o número de moradores influencia a probabilidade do empreendedorismo rural feminino. Já a variável "Renda domiciliar per capita (R\$)" categoriza a renda em seis faixas distintas: abaixo de 500 (valor 0), 500-1000 (1), 1000-1500 (2), 1500-2500 (3), 2500-5000 (4) e acima de 5000 (5), permitindo comparar os efeitos

³ A decisão de utilizar a PNADC foi motivada pelas informações que ela oferece sobre a força de trabalho e características gerais dos habitantes. A PNADC examina cerca de 211.000 domicílios em cada trimestre, abrangendo aproximadamente 16.000 setores censitários, distribuídos em 3.464 municípios. A expansão no número de municípios, setores censitários e domicílios analisados, em comparação com a antiga PNAD, proporciona uma melhoria significativa na precisão das estimativas, especialmente nas Unidades de Federação com menores populações e nas áreas rurais (Camargo Neto; Tillmann; Menezes, 2022).

dos diferentes níveis de renda sobre a probabilidade do empreendedorismo feminino em áreas rurais.

As variáveis binárias "Acesso à internet", "Possuir Computador em Casa" e "Possuir Televisão em Casa", com 0 para "Não" e 1 para "Sim" (com "Não" como referência), analisam o papel da conectividade digital no empreendedorismo rural feminino. Essas variáveis avaliam como esses equipamentos influenciam a gestão de negócios, habilidades tecnológicas e exposição a novas ideias e oportunidades. A presença de tecnologias em casa é importante para entender as barreiras e facilitadores para mulheres empreendedoras em regiões rurais. Para a variável "Região", a região Norte foi a referência (valor 0), enquanto as demais regiões foram: (1) Nordeste, (2) Sudeste, (3) Sul e (4) Centro-Oeste, destacando diferenças regionais em padrões de empreendedorismo e indicadores socioeconômicos. Para as variáveis individuais, a variável 'Faixa Etária' segmenta a população em cinco grupos: 18-24 anos (0, referência), 25-34 anos (1), 35-44 anos (2), 45-54 anos (3) e 55-64 anos (4). Esta categorização facilita a análise das diferenças etárias na participação no mercado de trabalho. A variável 'Cor ou raça da pele' é binária, com 0 para 'não-branca' (referência) e 1 para 'branca', proporcionando percepções sobre desigualdades ou diferenças de oportunidades baseadas na raça ou cor da pele no empreendedorismo rural. Essa análise contribui para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e econômicas que afetam o empreendedorismo feminino em áreas rurais.

A variável "Nível de instrução" reflete como o grau de educação das mulheres influencia a probabilidade dessas se engajarem em atividades empreendedoras no meio rural. Tal variável foi categorizada da seguinte forma: (0) "Fundamental incompleto" (usado como categoria de referência), (1) "Fundamental completo", (2) "Médio completo", e (3) "Superior". No que tange à "Quantidade de Horas Trabalhadas Semanalmente", a referida variável distribuiu-se em cinco categorias: até 15 horas (0, referência), de 15 a 39 horas (1), de 40 a 44 horas (2), de 45 a 48 horas (3) e mais de 49 horas (4), permitindo estudos detalhados sobre como as horas trabalhadas afetam a produtividade e renda. A variável "Associação sindical" é binária: 0 para "Não" (referência), indicando que a mulher não é membro de uma associação sindical, e 1 para 'Sim', indicando que ela é membro. Esta variável permite analisar como a participação em associações sindicais pode fornecer acesso a redes de apoio, recursos, capacitação e informações essenciais para o desenvolvimento de atividades empreendedoras.

A variável "Recebimento de rendimentos de aposentadoria ou pensão do INSS" assume o valor 0 indicando "Não" como variável de comparação, ou seja, a mulher não recebe rendimentos de aposentadoria ou pensão do INSS, e o valor 1 indicando "Sim", ou seja, ela recebe esses rendimentos. Essa variável permite explorar como a segurança financeira proporcionada por aposentadoria ou pensão influencia a decisão de empreender no meio rural. A categoria de referência "Não" facilita a comparação e a interpretação dos resultados, avaliando se a renda fixa do INSS está associada a uma maior ou menor propensão ao empreendedorismo entre as mulheres rurais. Esta análise é essencial para entender o impacto da estabilidade financeira na busca por oportunidades empreendedoras no contexto rural.

A variável referente ao recebimento de rendimento do Programa Bolsa Família é binária: 0 para 'Não' (referência), indicando que não recebe benefícios do programa, e 1 para 'Sim', indicando que ela recebe. A inclusão desta variável permite avaliar como o suporte financeiro do Programa Bolsa Família afeta a decisão e a capacidade de empreender no meio rural. Desta forma, o modelo explora se o acesso a esse tipo de rendimento governamental facilita ou não o empreendedorismo entre as mulheres rurais, contribuindo para entender a interação entre assistência social e iniciativas econômicas no contexto rural.

Por fim, a variável "Atividade agrícola" é binária: 0 para 'Não' (referência), indicando que a mulher não está envolvida em atividades agrícolas, e 1 para 'Sim', indicando que ela está envolvida. A inclusão desta variável é crucial para entender como o envolvimento em atividades agrícolas influencia a propensão ao empreendedorismo entre mulheres rurais. A categoria de

referência "Não" ajuda avaliar o efeito do envolvimento agrícola na probabilidade de se engajar em empreendimentos próprios. Esta análise pode revelar se a participação em atividades agrícolas serve como um catalisador para o empreendedorismo, possibilitando que as mulheres aproveitem habilidades, recursos e redes locais para iniciar e gerir negócios no contexto rural. Importante destacar que a variável “atividade agrícola” inclui somente mulheres ativas nos setores de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, excluindo as que trabalham em outros setores como indústria, construção, comércio, administração pública, educação, serviços e outros.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados percentuais ponderados para mulheres em áreas rurais, com base em dados da PNADC de 2019. Observa-se que 61,04% das mulheres empreendedoras são identificadas como não-brancas, sugerindo uma predominância de diversidade racial, enquanto 38,96% se identificam como brancas. Em relação à responsabilidade pelo domicílio, 40,51% das empreendedoras são as principais responsáveis, refletindo seu papel de liderança familiar, enquanto 59,49% não são as responsáveis principais. A distribuição etária mostra que as empreendedoras de 18-24 anos representam 9,77%, 23,68% têm entre 25-34 anos, 26,21% entre 35-44 anos, 25,79% entre 45-54 anos e 14,54% têm entre 55-64 anos. Quanto ao nível de instrução, 53,95% das empreendedoras possuem ensino fundamental incompleto, 11,49% completaram o ensino fundamental, 28,75% completaram o ensino médio e 5,82% possuem ensino superior completo. Em relação ao número de moradores no domicílio, 3,07% vivem sozinhas, 22,95% com dois moradores, 54,71% com três ou quatro moradores e 19,28% com mais de quatro moradores.

A distribuição das horas de trabalho semanais varia entre as mulheres: 22,16% trabalham menos de 15 horas, 37,56% entre 15 e 39 horas, 19,12% entre 40 e 44 horas, 4,88% entre 45 e 48 horas, e 16,27% mais de 49 horas. Quanto à renda domiciliar per capita, 13,06% possuem entre R\$500 e R\$1000, 16,41% entre R\$1000 e R\$1500, 22,68% entre R\$1500 e R\$2500, 24,20% entre R\$2500 e R\$5000, 13,30% superior a R\$5000, e 10,34% até R\$500. Regionalmente, 40,21% das mulheres empreendedoras rurais estão no Nordeste, 22,30% no Sul, 19,14% no Sudeste, 12,49% no Norte, e 5,85% no Centro-Oeste. A maioria, 94,05%, possui televisão; 67,86% têm internet; 25,38% possuem computador. Apenas 23,15% são filiadas a sindicatos, e 11,61% estão aposentadas. Observa-se que 32,59% participam do Programa Bolsa Família. Além disso, 45,73% estão envolvidas na atividade agrícola, enquanto 54,27% não estão, o que pode sugerir uma diversificação nas atividades empreendedoras.

Tabela 1: Percentuais ponderados pelos pesos amostrais em uma amostra de mulheres (empreendedoras e não empreendedoras), adultas, em área rural, na semana de referência na PNADC de 2019, (n = 3.407.623).

Variável	Categoria	Não Empreendedoras	Empreendedoras
Raça	Não-Branca ¹	60,34	61,04
	Branca	39,66	38,96
Responsável pelo domicílio	Não	73,82	59,49
	Sim	26,18	40,51
Faixa etária	18-24 anos	16,90	9,77
	25-34 anos	28,46	23,68
	34-44 anos	28,36	26,21
	45-54 anos	18,71	25,79
	55-64 anos	7,56	14,54
Nível de instrução	Fundamental incompleto	41,39	53,95
	Fundamental completo	10,30	11,49

	Médio completo	34,76	28,75
	Superior completo	13,56	5,82
Número de moradores no domicílio	Um	1,44	3,07
	Dois	19,59	22,95
	Três ou quatro	55,29	54,71
	>Quatro	23,69	19,28
Faixa de horas efetivas em todos os trabalhos	<15 horas	13,39	22,16
	15-39 horas	37,43	37,56
	40-44 horas	35,36	19,12
	45-48 horas	6,76	4,88
	> 49 horas	7,06	16,27
Faixa de renda domiciliar per capita	<R\$ 500	6,17	10,34
	R\$500 -R\$1000	12,87	13,06
	R\$1000 -R\$1500	14,00	16,41
	R\$1500 -R\$2500	25,06	22,68
	R\$2500 -R\$5000	29,88	24,20
	>R\$5000	12,02	13,30
Macrorregião	Norte	13,08	12,49
	Nordeste	37,60	40,21
	Sudeste	24,32	19,14
	Sul	19,43	22,30
	Centro-Oeste	5,58	5,85
Possui TV	Não	5,04	5,95
	Sim	94,96	94,05
Possui Internet	Não	28,71	32,14
	Sim	71,29	67,86
Possui Computador	Não	73,47	74,62
	Sim	26,53	25,38
Sindicato	Não	82,50	76,85
	Sim	17,50	23,15
Aposentadoria	Não	95,41	88,39
	Sim	4,59	11,61
PBF	Não	75,86	67,41
	Sim	24,14	32,59
Atividade Agrícola	Não	70,57	54,27
	Sim	29,43	45,73
Total		72,32	27,68

Fonte: resultados da pesquisa. (1) Todos aqueles que declararam ser da raça ou cor preta, parda, amarela ou indígena.

A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística para identificar os determinantes do empreendedorismo feminino rural por tipo de atividade no Brasil em 2019. Mulheres responsáveis pelo domicílio têm 79% mais chance de serem empreendedoras do que as que não têm essa responsabilidade, considerando atividades agrícolas e não-agrícolas. Na atividade agrícola, a chance aumenta 2,5 vezes, enquanto, na atividade não-agrícola, a probabilidade é 49,4% maior. Em áreas rurais, especialmente no setor agrícola, as mulheres responsáveis pelo domicílio podem sentir maior necessidade de empreender para sustento ou melhoria econômica.

A variável raça não determina as chances de empreendedorismo entre mulheres rurais. Com relação à idade, à medida que aumenta, a probabilidade de empreendedorismo também cresce. Mulheres entre 25 e 34 anos têm 30,1% mais chance de empreender do que aquelas entre 18 e 24 anos. Para a faixa de 35 a 44 anos, a probabilidade é 33,8% maior. Entre 45 e 54 anos, a chance é 74% maior, e para as de 55 a 64 anos, a probabilidade sobe para 90,6%. Isso sugere que experiência e maturidade são fatores importantes para o empreendedorismo rural. Analisando atividades agrícolas e não-agrícolas, mulheres entre 25 e 34 anos têm 37,9% mais

chance de serem empreendedoras em atividades agrícolas e 28% em não-agrícolas, comparadas com aquelas de 18 a 24 anos. Mulheres de 35 a 44 anos têm uma chance 2 vezes maior em atividades agrícolas, mas não foi significativa em não-agrícolas. Mulheres de 45 a 54 anos têm uma chance 2,4 vezes maior em atividades agrícolas e 51% maior em não-agrícolas. Na faixa de 55 a 64 anos, as chances aumentam 2,7 vezes em atividades agrícolas e 74,8% em não-agrícolas. Isso sugere que o setor agrícola é mais propício ao empreendedorismo feminino em idades mais avançadas. Parker (2009), observa que indivíduos mais velhos têm maior probabilidade de se tornarem empreendedores.

No nível de instrução, apenas o superior foi significativo, mulheres com ensino superior têm 56,3% menos chance de serem empreendedoras rurais comparadas às com ensino médio incompleto. Nas atividades agrícolas, a probabilidade aumenta 76,6%, enquanto nas não-agrícolas, diminui 65,1%. Isso sugere que a educação superior tem efeitos distintos no empreendedorismo rural. Nas atividades agrícolas, mulheres com ensino superior podem ter mais acesso à crédito e atuar em áreas que exigem conhecimento especializado, como agricultura orgânica. Em atividades não-agrícolas, o ensino superior pode abrir oportunidades em setores como educação, saúde e tecnologia.

Para mulheres em atividades agrícolas e não-agrícolas, viver em domicílios com mais de quatro moradores reduz em 35,7% a probabilidade de empreender, comparado a morar sozinha. Para outras quantidades de moradores, a diferença não foi significativa. Em atividades agrícolas, quanto maior o número de moradores, menor a probabilidade de empreender. Mulheres em domicílios com dois moradores têm 47,9% menos chance de empreender, aquelas com três ou quatro moradores têm 55% menos chance, e com mais de quatro moradores, 62,7% menos chance. Isso sugere que mais moradores aumentam as responsabilidades domésticas, impactando negativamente o empreendedorismo feminino.

Para mulheres em atividades agrícolas e não-agrícolas, trabalhar entre 15 e 39 horas reduz em 38,8% a probabilidade de empreender, comparado a trabalhar menos de 15 horas. No setor não-agrícola, a redução é de 49,1%. Trabalhar entre 40 e 44 horas diminui em 61,3% a probabilidade de empreender no total, e em 74,6% no setor não-agrícola. Entre 45 e 48 horas, a redução é de 48,7% no total e 60,6% no setor não-agrícola. No entanto, trabalhar mais de 49 horas aumenta em 31,8% a probabilidade de empreender, e em 75,1% no setor agrícola. Jornadas longas aumentam a probabilidade de empreendedorismo feminino, especialmente no setor agrícola, enquanto jornadas moderadas tendem a reduzir essa chance.

Os resultados mostram que mulheres com renda domiciliar per capita entre R\$500 e R\$1000 têm 25,7% menos chance de empreender comparadas àquelas com renda abaixo de R\$500. No setor não-agrícola, essa redução é de 30,4%. A renda entre R\$1000 e R\$1500 não foi significativa. Para renda entre R\$1500 e R\$2500, a probabilidade de empreender diminui 17,9% em atividades totais e 26,3% em não-agrícolas. Com renda entre R\$2500 e R\$5000, a redução é de 19,4% no total e 26,8% em não-agrícolas. Rendas acima de R\$5000 não foram significativas. Isso sugere que, geralmente, quanto maior a renda, menor a probabilidade de mulheres empreenderem, possivelmente devido à maior estabilidade financeira.

A análise regional mostra que a probabilidade de mulheres empreenderem no total não foi significativa em nenhuma região. No Sudeste, a probabilidade de empreender em atividades não-agrícolas é 28,1% menor que no Norte. No Nordeste, a probabilidade de empreender em atividades agrícolas é 46,1% maior. No Sul, a probabilidade de empreender em atividades agrícolas é 71,5% maior, mas 38,1% menor em não-agrícolas, comparado ao Norte. No Centro-Oeste, não houve efeito significativo. Essas diferenças refletem as influências econômicas e culturais regionais no empreendedorismo feminino, como destacado por Tamvada (2007), que enfatiza a importância da localização como determinante do empreendedorismo.

Possuir TV não teve relação significativa com a probabilidade de empreender em qualquer atividade. Mulheres com computador no domicílio têm 28,2% mais chance de

empreender, e 45,8% mais chance em atividades não-agrícolas. Acesso à internet aumenta a probabilidade de empreender em 30,1% nas atividades não-agrícolas. Para atividades agrícolas, possuir computador e acesso à internet não foi significativo. Isso sugere que tecnologias como computadores e internet são valiosas para o empreendedorismo feminino, especialmente fora do setor agrícola, enquanto a TV não é um fator influente. O acesso à TV não parece ser útil, quando se pensa na construção do próprio negócio, uma explicação, é que o tempo gasto navegando pela internet tem aumentado, conforme IAB Brasil (2014).

Para mulheres que participam de sindicatos, a probabilidade de empreender em atividades agrícolas é 34% maior, mas 22,4% menor em não-agrícolas, comparadas às que não participam. Mulheres que recebem aposentadoria têm 60,2% mais chance de empreender em atividades totais e 87,5% em não-agrícolas. Receber o Bolsa Família aumenta a probabilidade de empreender em 44% em atividades totais e 68,3% em não-agrícolas. Em atividades agrícolas, a probabilidade de empreender é 78% maior comparada àquelas que não participam de atividades agrícolas em áreas rurais.

Tabela 2: Odds ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por tipo de atividade, PNADC de 2019.

Variáveis	Total		Atividade Agrícola		Atividade Não Agrícola	
	O.R	E.P	O.R	E.P	O.R	E.P
Resp. pelo domicílio	1,790***	0,105	2,516***	0,227	1,494***	0,115
Branco	1,01	0,067	0,928	0,103	1,062	0,088
25-34 anos	1,301*	0,133	1,379+	0,238	1,280*	0,158
35-44 anos	1,338**	0,137	2,072***	0,346	1,115	0,145
45-54 anos	1,740***	0,191	2,472***	0,433	1,510**	0,208
55-64 anos	1,906***	0,239	2,746***	0,57	1,748**	0,298
Fundamental completo	1,019	0,087	1,152	0,138	0,993	0,116
Médio completo	0,974	0,072	1,1	0,133	0,947	0,091
Superior	0,437***	0,054	1,766*	0,509	0,349***	0,052
Dois	0,847	0,138	0,521+	0,188	1,088	0,241
Três ou quatro	0,765	0,126	0,450*	0,162	1,012	0,228
>Quatro	0,643*	0,111	0,373**	0,141	0,851	0,196
15-39 horas	0,612***	0,049	0,94	0,118	0,509***	0,051
40-44 horas	0,387***	0,034	0,848	0,127	0,254***	0,029
45-48 horas	0,513***	0,073	0,847	0,216	0,394***	0,071
> 49 horas	1,318**	0,141	1,751***	0,283	1,179	0,173
R\$500-R\$1000	0,743*	0,087	0,867	0,142	0,696*	0,116
R\$1000-R\$1500	0,913	0,103	1,07	0,176	0,849	0,139
R\$1500-R\$2500	0,821+	0,093	1,021	0,167	0,737+	0,118
R\$2500-R\$5000	0,806+	0,098	0,995	0,176	0,732+	0,125
>R\$5000	1,204	0,172	1,369	0,297	1,16	0,228
Sudeste	0,835	0,1	0,895	0,175	0,719*	0,102
Nordeste	1,134	0,124	1,461*	0,26	0,931	0,119
Sul	1,033	0,138	1,715*	0,363	0,619**	0,098
Centro-Oeste	1,106	0,152	0,957	0,221	1,074	0,176
TV	0,98	0,131	0,914	0,168	1,127	0,208
Computador	1,282**	0,098	1,04	0,12	1,458***	0,15
Internet	1,114	0,073	0,916	0,089	1,301**	0,117
Sindicato	1,013	0,071	1,340**	0,136	0,776*	0,077
Aposentadoria	1,602***	0,173	1,168	0,178	1,875***	0,311
PBF	1,440***	0,107	1,122	0,136	1,683***	0,162
Atividade Agrícola	1,780***	0,123				
Obs.	12.588		4.713		7.875	
Tamanho populacional	3.065.887		1.074.678		1.991.209	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob>F)	0,343		0,77		0,553	

Fonte: resultados da pesquisa. O.R (Odds Ratio ou Razão de Chance). + p<.10, * p<.05, ** p<.01, *** p<.001.

A Tabela 3 apresenta as razões de chances de mulheres serem empreendedoras em áreas rurais no Brasil, por região. Em todas as regiões, mulheres responsáveis pelo domicílio têm maior probabilidade de serem empreendedoras. No Norte e Sul, essa probabilidade é mais que o dobro. No Nordeste, é 81,6% maior, no Sudeste, 51,9% maior, e no Centro-Oeste, 71% maior, comparadas às que não têm essa responsabilidade. A raça não teve efeito significativo na probabilidade de empreendedorismo em áreas rurais em nenhuma região do Brasil.

Em relação às faixas etárias, mulheres entre 25 e 34 anos têm 92,2% mais chance de empreender no Norte e 85,1% no Sudeste, comparadas à faixa de 18 a 24 anos. Entre 35 e 44 anos, a probabilidade é 70,8% maior no Sudeste e 78,9% no Sul. Mulheres entre 45 e 54 anos são mais propensas a empreender, com 3,0 vezes mais chance no Centro-Oeste, 1,5 no Nordeste, 2,3 no Sudeste e 1,9 no Sul. Entre 55 e 64 anos, as chances são 2,7 vezes maiores no Norte, 2,5 no Sudeste, 2,6 no Sul e 2,8 no Centro-Oeste. Isso indica que o empreendedorismo feminino rural aumenta com a idade, variando conforme a região (Barradas; Carneiro, 2016).

No nível de instrução, ter ensino fundamental completo foi significativo apenas no Centro-Oeste, com 65,1% mais chance de empreender comparado ao ensino fundamental incompleto. Ter ensino médio completo foi significativo apenas no Sudeste, com 30,8% mais chance de empreender. Ter ensino superior reduz significativamente a probabilidade de empreender: 82,8% no Norte e 71% no Nordeste, comparado ao ensino fundamental incompleto. Esses resultados são consistentes com Barradas e Carneiro (2016), que observaram menor probabilidade de empreendedorismo entre mulheres portuguesas com nível superior.

A quantidade de pessoas no domicílio em áreas rurais não foi significativa para domicílios com dois indivíduos em relação ao empreendedorismo feminino em todas as regiões. Com três ou quatro indivíduos, houve significância no Norte e Nordeste, reduzindo as chances de empreendedorismo em 64,1% e 31,8%, respectivamente, comparado às mulheres que residem sozinhas. Domicílios com mais de quatro pessoas foram significativos no Norte e Sudeste, com redução de 73,3% no Norte e 52,4% no Sudeste na probabilidade de empreendedorismo feminino, comparado às mulheres que residem sozinhas. Mulheres que trabalham entre 15 e 39 horas têm menor probabilidade de empreender: 44% no Norte, 48,1% no Nordeste, e 35,6% no Sul, comparadas às que trabalham menos de 15 horas. Para 40 a 44 horas, a probabilidade de empreendedorismo diminui: 60,4% no Norte, 72,3% no Nordeste, 41,7% no Sudeste, 46,7% no Sul, e 62,3% no Centro-Oeste. Entre 45 e 48 horas, a probabilidade diminui: 65,5% no Norte, 46,9% no Nordeste, 38,7% no Sudeste, e 47,5% no Sul. Para mais de 49 horas, a probabilidade aumenta: 54,6% no Sudeste e 53% no Sul, comparadas às que trabalham menos de 15 horas. No Nordeste, a faixa de renda per capita de R\$1500-R\$2500 reduz a probabilidade de empreendedorismo feminino em 24,8%, comparadas às rendas menores que R\$500. No Norte, rendas acima de R\$5000 aumentam a probabilidade em 2,1 vezes. Isso sugere que altas rendas podem influenciar positivamente o empreendedorismo feminino em áreas rurais, dependendo das oportunidades econômicas regionais.

No acesso a tecnologias, possuir TV foi significativo no Norte, reduzindo a probabilidade de empreendedorismo em 32,5%, e no Sul, aumentando em 96,8%, comparadas às que não possuem TV. Possuir computador foi significativo apenas no Centro-Oeste, aumentando a probabilidade de empreender em 73,8%. Acesso à internet aumentou a probabilidade de empreender em 67,3% no Norte e 28% no Sudeste, comparadas às que não têm acesso. A participação em sindicatos não foi significativa para o empreendedorismo feminino em áreas rurais. Mulheres que recebem aposentadoria têm mais chances de empreender: 2,1 vezes no Nordeste e 2,3 no Centro-Oeste, comparadas às que não recebem. Receber Bolsa Família aumenta a probabilidade de empreender em 57,2% no Nordeste e 65,5% no Sudeste. Em atividades agrícolas, a probabilidade de empreendedorismo é 67,8% maior no Nordeste, 62,4% no Sudeste, e 3,2 vezes maior no Sul, comparadas às que não participam de atividades agrícolas.

Tabela 3: Odds ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por região do país, PNADC de 2019.

Variáveis	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P	O.R	E.P	O.R	E.P
Resp. pelo domicílio	2,144***	0,369	1,816***	0,168	1,519**	0,21	2,103***	0,26	1,710**	0,35
Raça	0,858	0,172	0,853	0,1	1,065	0,12	1,118	0,2	1,206	0,3
25-34 anos	1,922*	0,587	1,042	0,154	1,851*	0,49	1,335	0,32	1,222	0,53
35-44 anos	1,321	0,353	1,145	0,179	1,708*	0,41	1,789*	0,46	1,247	0,46
45-54 anos	1,616	0,483	1,515*	0,291	2,377***	0,57	1,960**	0,48	3,013**	1,17
55-64 anos	2,748**	0,953	1,343	0,266	2,559**	0,77	2,658***	0,77	2,854*	1,23
Fundamental completo	1,196	0,281	1,001	0,149	0,938	0,2	1,013	0,17	1,651+	0,49
Médio completo	0,764	0,18	0,889	0,103	1,308+	0,21	1,106	0,19	1,102	0,3
Superior	0,172***	0,065	0,290***	0,065	0,755	0,18	0,631	0,18	0,716	0,3
Dois	0,514	0,275	0,705	0,167	0,736	0,28	1,863	0,79	0,932	0,55
Três ou quatro	0,359+	0,215	0,682+	0,158	0,693	0,27	1,818	0,77	0,856	0,51
>Quatro	0,267*	0,161	0,688	0,167	0,476+	0,2	1,296	0,61	1,2	0,76
15-39 horas	0,560*	0,128	0,519***	0,06	0,93	0,17	0,644*	0,14	0,897	0,25
40-44 horas	0,396***	0,11	0,277***	0,039	0,583**	0,11	0,533**	0,12	0,377***	0,11
45-48 horas	0,345*	0,172	0,531**	0,125	0,613+	0,17	0,525*	0,15	0,762	0,36
> 49 horas	0,636	0,245	1,355	0,275	1,546+	0,36	1,530+	0,38	1,167	0,4
R\$500-R\$1000	0,748	0,202	0,797	0,119	0,702	0,27	0,46	0,22	0,682	0,53
R\$1000-R\$1500	1,316	0,367	0,945	0,134	0,849	0,31	0,669	0,32	0,431	0,33
R\$1500-R\$2500	0,858	0,26	0,752+	0,11	1,155	0,42	0,697	0,33	0,506	0,38
R\$2500-R\$5000	0,912	0,313	0,8	0,143	1,02	0,38	0,583	0,27	0,359	0,26
>R\$5000	2,139+	0,93	1,066	0,318	1,508	0,58	0,754	0,35	0,493	0,38
TV	0,675+	0,159	1,032	0,217	1,079	0,4	1,968+	0,75	1,092	0,6
Computador	1,065	0,264	1,272	0,186	1,213	0,18	1,178	0,18	1,738*	0,47
Internet	1,673**	0,31	1,008	0,101	1,280+	0,19	1,037	0,16	0,885	0,26
Sindicato	0,88	0,193	0,944	0,1	0,99	0,16	1,117	0,16	1,762	0,62
Aposentadoria	0,8	0,271	2,163***	0,429	1,447	0,34	1,257	0,27	2,352*	0,84
PBF	1,256	0,229	1,572***	0,159	1,665**	0,32	0,791	0,2	1,397	0,49
Atividade Agrícola	1,216	0,239	1,678***	0,197	1,624***	0,23	3,279***	0,54	1,088	0,25
Obs.	1.708		4.570		2.749		2.713		848	
Tamanho populacional	398.076		1.169.376		701.892		625.465		171.078	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob>F)	0,783		0,188		0,267		0,660		0,024	

Fonte: resultados da pesquisa. O.R (Odds Ratio ou Razão de Chance). + p<.10, * p<.05, ** p<.01, *** p<.001.

A Tabela 4 apresenta os resultados separados por quantis de renda domiciliar per capita. As mulheres responsáveis pelo domicílio têm maior probabilidade de se tornarem empreendedoras em todos os níveis de renda. No quantil 25, a probabilidade é 90,1% maior, sugerindo que a responsabilidade pelo lar é um forte motivador para o empreendedorismo nas rendas mais baixas. No quantil 50, a probabilidade aumenta 67,7%, indicando que, mesmo em rendas medianas, essa responsabilidade é importante. No quantil 75, a probabilidade é 73,1% maior, mostrando que, até entre rendas mais altas, a responsabilidade pelo domicílio incentiva o empreendedorismo. No quantil 90, a probabilidade é 2,3 vezes maior, indicando que nas rendas mais altas, essa responsabilidade incentiva ainda mais o empreendedorismo. A análise geral indica que ser responsável pelo domicílio é um motivador constante para o empreendedorismo feminino em áreas rurais, intensificando-se com o aumento da renda.

A variável raça apresentou significância estatística apenas para o quantil 75, indicando que as mulheres brancas têm uma probabilidade aproximadamente 30,3% maior de serem empreendedoras em comparação com as não brancas residentes em áreas rurais. Essa diferença destaca a necessidade de investigar mais profundamente os fatores que contribuem para essa disparidade racial e considerar políticas que possam melhorar o campo de atuação para o empreendedorismo feminino rural, independentemente da raça. Em relação à faixa etária, as mulheres entre 25 e 34 anos demonstraram uma maior probabilidade de empreendedorismo, de 69,3%, no quantil 75, quando comparadas com a faixa de referência de 18 a 24 anos. As mulheres entre 35 e 44 anos mostraram um aumento de 37,5% no quantil 25 e de 99,9% no quantil 75. Para as mulheres entre 45 e 54 anos, houve um aumento de 56,4% no quantil 25, de 60,8% no quantil 50 e de 2,6 vezes mais no quantil 75. Mulheres na faixa de 55 a 64 anos também mostraram um aumento significativo, com 2,0 vezes mais chances tanto no quantil 25 quanto no quantil 75 e 2,3 vezes no quantil 50.

Os resultados indicam que a probabilidade de empreendedorismo entre mulheres aumenta com a idade. Mulheres de 25 a 34 anos apresentam uma probabilidade maior de se tornarem empreendedoras em comparação com as de 18 a 24 anos. Esse aumento é mais acentuado entre as mulheres de 35 a 44 anos, com probabilidades crescentes em diferentes quantis. A tendência de aumento continua para as mulheres entre 45 e 54 anos, que mostram aumentos em todos os quantis analisados. Finalmente, as mulheres de 55 a 64 anos destacam-se com as maiores probabilidades de empreendedorismo, indicando um padrão de crescimento contínuo e acentuado de empreender conforme a idade avança em quantis mais elevados.

As mulheres rurais com nível de instrução superior têm uma probabilidade menor de empreender: 39,3% no quantil 50 e 69,3% no quantil 75, comparadas às mulheres com ensino fundamental incompleto. Isso indica que, especialmente em níveis de renda mais altos, o ensino superior pode estar associado a melhores oportunidades de emprego ou a uma menor necessidade de gerar renda. Esses achados são consistentes com Tay (1996) e Taylor (1996), que sugerem que níveis mais elevados de educação diminuem a probabilidade de se tornarem empreendedores devido aos custos de oportunidade e riscos envolvidos. A variável número de moradores no domicílio não foi estatisticamente significativa em nenhum quantil de renda.

No que diz respeito à carga horária, mulheres que trabalham entre 15 e 39 horas semanais têm uma probabilidade significativamente menor de empreender nos diferentes quantis (44,9%, 41,9% e 61,5%, no Q25, Q50 e Q90, respectivamente) em comparação com aquelas que trabalham menos de 15 horas. Similarmente, uma jornada de 40 a 44 horas também reduz a probabilidade de empreendedorismo, com quedas de 59% no Q25, 71,3% no Q50 e 65,5% no Q75. A redução continua para aquelas que trabalham entre 45 e 48 horas, apresentando diminuições de 43,2% no quantil mais baixo (Q25), 48,3% no quantil mediano (Q50), 50,1% no (Q75) e 78,7% no quantil mais elevado (Q90). Entretanto, observa-se um ponto de inflexão para mulheres que trabalham mais de 49 horas, que apresentaram um aumento na probabilidade de empreendedorismo de 76,3% no Q25 e 61,4% no Q75. Esses resultados

sugerem que uma carga horária moderada está negativamente correlacionada com o empreendedorismo, enquanto cargas horárias muito altas podem incentivar a busca por alternativas, como o empreendedorismo.

O acesso a recursos tecnológicos, como computadores e internet, destaca-se como facilitador no empreendedorismo. Ter um computador aumenta a probabilidade de empreender em 39,2% no quantil 50 e em 27,9% no quantil 75, respectivamente, quando comparado com mulheres que não possuem. A internet também aumenta a probabilidade de empreender em 28,8% no quantil 50 e em 2,4 vezes mais chances no quantil 90, respectivamente, para mulheres que têm acesso a esse recurso, em comparação com aquelas que não têm. Isso indica que o acesso à tecnologia pode ser fundamental para o desenvolvimento de negócios femininos em áreas rurais.

No que diz respeito às regiões, verifica-se que a região Sudeste apresentou uma probabilidade 35,4% menor, no quantil 25, das mulheres serem empreendedoras em comparação com a região Norte, que é a região de referência. As outras regiões não mostraram diferenças estatísticas significativas, o que pode indicar que as condições regionais têm influências variadas na renda sobre o empreendedorismo feminino rural. A participação em sindicatos aumenta a probabilidade de empreender em 27,1% no quantil 50, comparado com mulheres que não participam. Receber aposentadoria também aumenta as chances das mulheres empreenderem em 2,5 vezes tanto no quantil 25, quanto no quantil 75, em comparação com mulheres que não recebem aposentadoria. Isso mostra que a segurança financeira proporcionada pela aposentadoria pode motivar as mulheres a iniciarem empreendimentos em áreas rurais. O Programa Bolsa Família também aumenta a probabilidade das mulheres empreenderem, de 25,5% no quantil 25, de 64,5% no quantil 50 e de 99,7% no quantil 75, em comparação com mulheres que não recebem o benefício. Isso indica que tais apoios financeiros governamentais podem ser importantes para impulsionar o empreendedorismo feminino rural.

A atividade agrícola mostrou um efeito significativo no aumento das chances de empreendedorismo feminino rural em todos os quantis. Especificamente, as chances são de 1,5 no quantil 25 (Q25), 2,0 no quantil 50 (Q50), 1,8 no quantil 75 (Q75) e 2,1 no quantil 90 (Q90), em comparação com mulheres em atividades não agrícolas. Este resultado indica a importância da agricultura como uma atividade principal para o empreendedorismo em áreas rurais, com um efeito significativo nas diferentes faixas de renda.

Tabela 4: Odds ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por quantil da renda domiciliar per capita, PNADC de 2019.

Variáveis	Q25		Q50		Q75		Q90	
	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.
Resp. pelo domicílio	1,901***	0,183	1,677***	0,195	1,731***	0,212	2,360**	0,77
Raça	0,877	0,095	0,9	0,11	1,303*	0,167	1,154	0,35
25-34 anos	1,186	0,189	1,263	0,238	1,693*	0,411	1,07	0,64
35-44 anos	1,375*	0,217	0,975	0,194	1,999**	0,456	1,066	0,6
45-54 anos	1,564*	0,292	1,608*	0,314	2,668***	0,624	1,083	0,62
55-64 anos	2,023**	0,441	2,367***	0,551	2,036**	0,549	1,547	1,03
Fundamental completo	1,016	0,141	1,159	0,181	0,867	0,166	1,662	0,76
Médio completo	0,911	0,117	0,989	0,131	1,045	0,158	1,517	0,55
Superior	0,795	0,224	0,607*	0,152	0,307***	0,072	0,571	0,22
Dois	0,863	0,166	0,784	0,269	0,715	0,398	1,117	0,47
Três ou quatro	0,786	0,155	0,765	0,263	0,697	0,384	1,563	0,48
>Quatro	0,793	0,171	0,593	0,212	0,565	0,318	1	
15-39 horas	0,551***	0,06	0,581***	0,084	0,801	0,162	0,385*	0,17
40-44 horas	0,410***	0,059	0,287***	0,045	0,345***	0,07	0,591	0,28
45-48 horas	0,568*	0,145	0,517**	0,123	0,499*	0,142	0,213*	0,14
> 49 horas	1,763**	0,334	0,8	0,169	1,614*	0,343	1,303	0,61
TV	0,88	0,158	1,156	0,261	0,994	0,312	1,741	2,75
Computador	1,173	0,206	1,392*	0,193	1,279+	0,171	0,767	0,22
Sudeste	0,646*	0,125	0,928	0,178	1,151	0,313	0,601	0,25
Nordeste	1,243	0,202	1,027	0,176	1,367	0,372	0,453	0,25
Sul	1,075	0,261	1,253	0,275	1,225	0,329	0,527	0,23
Centro-Oeste	1,089	0,355	1,277	0,281	1,174	0,369	0,999	0,44
Internet	0,977	0,097	1,288*	0,15	1,175	0,171	2,457+	1,25
Sindicato	1,011	0,116	1,271+	0,165	1,112	0,152	0,857	0,24
Aposentadoria	2,512***	0,676	0,955	0,183	2,546***	0,459	0,983	0,47
PBF	1,255*	0,125	1,645***	0,229	1,997***	0,404	1,041	1,35
Atividade Agrícola	1,583***	0,17	2,006***	0,25	1,843***	0,239	2,181*	0,75
Obs.	3.997		3.562		3.131		523	
Tamanho populacional	1.008.149		872.656		749.413		117.285	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob>F)	0,964		0,544		0,391		0,107	

Fonte: resultados da pesquisa. O.R (Odds Ratio ou Razão de Chance). + p<.10, * p<.05, ** p<.01, *** p<.001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, investigamos os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino rural, especificamente em atividades agrícolas e não-agrícolas e por regiões. Analisamos como a renda domiciliar per capita afeta o empreendedorismo feminino rural em diferentes quantis de renda. Os resultados por tipos de atividades indicam que a responsabilidade pelo domicílio é um fator significativo, especialmente no setor agrícola, sugerindo que mulheres com responsabilidades familiares empreendem para sustento ou melhoria econômica. A idade também é importante, com a probabilidade de empreendedorismo aumentando com a idade, indicando que experiência e maturidade são fatores determinantes no contexto rural.

No entanto, um aumento na renda domiciliar per capita geralmente diminui a probabilidade de empreender, sugerindo que a necessidade econômica é um motivador principal. A educação superior influencia positivamente o empreendedorismo no setor agrícola, possivelmente devido ao acesso ao crédito e conhecimentos especializados. As características domiciliares mostram que um maior número de moradores reduz a probabilidade de empreendedorismo feminino, possivelmente devido às maiores responsabilidades domésticas. Mulheres que trabalham de 15 a 48 horas semanais têm menor probabilidade de empreender em atividades não-agrícolas, enquanto jornadas superiores a 49 horas semanais aumentam a probabilidade de empreendedorismo no setor agrícola, indicando que longas horas de trabalho são necessárias nesse contexto.

A análise por regiões do Brasil, mostra que condições econômicas e culturais moldam o empreendedorismo feminino. O Nordeste e o Sul têm maior probabilidade de empreendedorismo agrícola, enquanto o Sudeste se destaca em atividades não-agrícolas, refletindo as oportunidades econômicas regionais. Tecnologias como computadores e internet impulsionam o empreendedorismo, especialmente fora do setor agrícola. A participação em sindicatos, aposentadoria e o Programa Bolsa Família também influenciam positivamente, com efeitos variados dependendo do setor de atividade. Nas regiões Norte e Sul, mulheres responsáveis pelo domicílio têm maiores chances de empreender, especialmente entre as idades de 55 a 64 anos, indicando que experiência e estabilidade financeira são fatores importantes. A educação fundamental influencia positivamente o empreendedorismo no Centro-Oeste, enquanto a educação superior tende a diminuir essa probabilidade, sugerindo que mulheres com maior escolaridade têm acesso a outras alternativas de emprego. Domicílios com três ou mais pessoas reduzem a probabilidade de empreendedorismo devido às responsabilidades familiares.

A carga horária de trabalho é importante; mulheres com jornadas extensivas têm menos chances de empreender, refletindo como empregos formais limitam a capacidade de iniciar um negócio. Altas rendas favorecem o empreendedorismo no Norte, indicando que recursos financeiros facilitam a abertura de novos negócios. Acesso a tecnologias amplia oportunidades de empreendedorismo, e benefícios sociais, como aposentadoria e Bolsa Família, aumentam a probabilidade de empreender, fornecendo uma rede de segurança financeira.

Os resultados por quantis de renda mostram que a responsabilidade domiciliar é um motivador significativo, especialmente em faixas de renda mais altas, onde a responsabilidade pode representar uma oportunidade de expansão econômica. Mulheres brancas no quantil 75 têm mais chances de empreender, destacando desigualdades raciais que influenciam o empreendedorismo. Mulheres entre 35 e 44 anos têm maior probabilidade de empreender no quantil 75, sugerindo que maturidade traz recursos e habilidades facilitadoras. A educação superior tem correlação negativa com o empreendedorismo em níveis de renda mais altos, possivelmente devido a melhores oportunidades de emprego.

A carga horária de trabalho revelou que trabalhar entre 15 e 39 horas semanais diminui a probabilidade de empreender em todos os quantis, indicando que flexibilidade é essencial. Trabalhar mais de 49 horas tem efeito positivo no empreendedorismo em alguns quantis,

especialmente em atividades agrícolas ou familiares. Acesso a recursos tecnológicos é consistentemente positivo, destacando a importância dessas ferramentas. Programas sociais aumentam a probabilidade de empreender, fornecendo segurança financeira. A participação em atividades agrícolas é determinante em todos os quantis, reforçando a agricultura como área importante para o desenvolvimento de negócios femininos.

Portanto, este estudo evidencia que o empreendedorismo feminino rural é influenciado por fatores domiciliares, pessoais, regionais, tecnológicos, atividades agrícolas e não-agrícolas, sindicatos e programas governamentais. Sublinham-se, a necessidade de políticas de apoio ao empreendedorismo feminino rural que considerem esses fatores e abordem as diferenças regionais e de renda para fomentar um ambiente inclusivo e produtivo, potencializando o empreendedorismo feminino e contribuindo para o desenvolvimento local e a redução das disparidades de gênero no Brasil. Limitações da pesquisa incluem a ausência de variáveis como estado civil e número de filhos. Futuras pesquisas devem incluir esses aspectos e adotar uma abordagem longitudinal.

REFERÊNCIA

- AFRIN, S.; ISLAM, N.; AHMED, S. A multivariate model of micro credit and rural women entrepreneurship development in Bangladesh. **International Journal of Business and Management**, v. 16, n. 1, p. 169-185, 2008. DOI:10.5539/ijbm.v3n8p169
- ALABI, D. L.; FAMA KINWA, M. Bridging Male-Female Gaps in Rural Entrepreneurship Capability Development in Osun State, Nigeria. *Journal of Agricultural Extension*, v. 23, n. 1, p. 79-90, 2019. DOI:10.4314/jae.v23i1.7
- ALBAYRAK, İ. **Women's Entrepreneurship and Its Effects on Economic Growth in Turkey**. Trakya University Institute of Social Sciences, Department of Labor Economics and Industrial Relations. Tese (Mestrado) - Trakya University Institute of Social Sciences, 2022.
- ALBUQUERQUE, L. **Relações de Gênero na Agricultura Familiar: o caso do PRONAF em Afogados da Ingazeira-PE**. 2013, 215 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- ARCHER, K. J.; LEMESHOW, S. **Goodness-of-fit test for a logistic regression model fitted using survey sample data**. *The Stata Journal*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 6, n. 1, p. 97–105, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1536867X0600600106>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024.
- ARMINGTON, C.; ACS, Z. J. The determinants of regional variation in new firm formation. **Regional studies**, v. 36, n. 1, p. 33-45, 2002.
- BARRADAS, I. Da G.; CARNEIRO, A. Empreendedorismo no Feminino: Quem São e Onde Estão as Mulheres Empreendedoras em Portugal? 2016.
- BALRAJ, K. P.; VELMURUGAN, R. Problems of rural entrepreneurship in the central districts of Tamilnadu. **Journal of Advanced Research in Dynamical and Control Systems**, v. 2017, p. 39-44, 2017.
- BUI, H. T. M.; KUAN, A.; CHU, T. T. Female entrepreneurship in patriarchal society: motivation and challenges. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 30, n. 4, p. 1-19, 2018.
- BUTTO, A.; DANTAS, I.; HORA, K. **As mulheres nas estatísticas agropecuárias: experiências em países do Sul**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.
- CAMARGO NETO, R. P. ; TILLMANN, E. A. ; MENEZES, G. R. Empreendedorismo agrícola no Brasil: Uma análise empírica. In: XXV Encontro de Economia da Região Sul, 2022, Porto Alegre. **Anais do XXV Encontro de Economia da Região Sul**, 2022.
- CEPEA. Mulheres no agronegócio. **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**, Piracicaba, v. 1, n. 1, 2018.

CARREE, M. A.; THURIK, A. R. The lag structure of the impact of business ownership on economic performance in OECD countries. **Small Business Economics**, v. 30, n. 1, p. 101-110, 2008.

CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel–Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe)**, v. 12, n. 1, p. 59-77, 2014.

CORRÊA, V. S.; VALE, G. M. V. Redes sociais, perfil empreendedor e trajetórias. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 77-88, jan./mar. 2014.

DIAS, C. S. L.; RODRIGUES, R. G.; FERREIRA, J. J. Agricultural entrepreneurship: Going back to the basics. **Journal of Rural Studies**, (June) 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2019.06.001>.

FELISBINO, A. C.; YAMAGUCHI, C. K. **Empreendedorismo feminino nas pequenas propriedades**. Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior. UNESC. Santa Catarina, n. 1, 2016.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório executivo. Curitiba. 2017.

_____. Empreendedorismo no Brasil. Relatório executivo. Curitiba. 2019.

_____. Empreendedorismo no Brasil. Relatório executivo. Curitiba. 2022.

GHOUSE, S. M.; DURRAH, O.; SHEKHAR, R.; ARSLAN, A. Personal Characteristics and Strategic Entrepreneurial Behaviour of Rural Female Entrepreneurs: Insights From Oman. **Journal of Small Business Strategy**, v. 33, n. 2, p. 89-106, 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Século XX**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2024.

GREENE, W. H. **Econometric analysis**. 8. ed. Harlow: Pearson, 2020.

I. A. B. Brasil. Conectado–Hábitos de consumo de mídia. IAB Brasil-Rede Brasil Conectado., 2014. Disponível em: <https://iabbrasil.com.br/wp-content/uploads/2017/08/BRASILCONECTADO-H%C3%81BITOS-DE-CONSUMO-DE-M%C3%8DDIA-2014.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Chapecó: sinopse censo demográfico**, 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420420&idtema=1&search=santa-catarina|chapeco|censo-demografico-2010:-sinopse->. Acesso em: 01 fev. 2024.

KAHAN, D. **Entrepreneurship in farming**. Roma: FAO, 2012.

KANGASHARJU, A. Regional variations in firm formation: Panel and cross-section data evidence from Finland. **Papers in Regional Science**, v. 79, n. 4, p. 355-373, 2000.

LIMA, F. F.; DUARTE, G. B. Cash transfer and female labor supply: evidence from Brazil's rural area. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 4, p. 217-424, 2021.

LISBOA, T. K.; LUSA, M. G. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 871-887, 2010.

MAIA, F. S.; GIELDA, J. J.; MAIA, T. S. T. Empreendedorismo Feminino na Produção Rural: um estudo no oeste Catarinense. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, [S.l.], v. 4, p. 186-231, 2019.

MENEZES, G. R.; ORELLANA, V. S. Q.; FEIJO, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. XIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos-XIII ENABER, 2015.

MERHY, S.; NUNES, A.; NASCIMENTO, T. Gênero e empreendedorismo: fatores de influência em economias com diferentes níveis de rendimento. In: **24th APDR Congress**. Covilhã, Portugal. p. 643-650, 2017.

- MULLER, S.; KORSGAARD, S. Resources and bridging: the role of spatial context in rural entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development**, Lancaster, v. 30, n. 1-2, p. 224-255, 2017.
- NAVARRO, M. J. P.; JIMÉNEZ, A. M. Moderators elements of entrepreneurship. Gender differences. **Suma de Negócios**, v. 7, n. 15, p. 47-53, 2016.
- PARKER, S. C. T. The economics of entrepreneurship. 1. ed. New York: Cambridge University Press. V. 1. 2009.
- SANTOS, I. S.; ALVES, C. E. S.; DEWES, H. Produção científica no empreendedorismo rural relacionado ao turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 1-18, 2021.
- SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 450-467, set. 2009.
- SEBRAE. Empreendedorismo Feminino no Brasil. SEBRAE, 2019. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.
- SEGANTINI, M.; DICKES, L. A. An examination of rural and female-led firms: A resource approach. **Journal of Small Business Strategy**, v. 31, n. 4, p. 20-39, 2021.
- SERPA, M.; CELESTE, R. K. ; FOCHEZATTO, A. **Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015**. In: XXV Encontro de Economia da Região Sul, 2022, Porto Alegre, p. p. 1-18,2022.
- SOFER, M.; SAADA, M. A. T. Entrepreneurship of women in the rural space in Israel: catalysts and obstacles to enterprise development. **Sociologia Ruralis**, v. 0, n. 0, p. 1-22, 2016.
- TERJESSEN, S.; AMORÓS, J. E. Female Entrepreneurship in Latin America and the Caribbean: Characteristics, Drivers and Relationship to Economic Development. **European Journal of Development Research**, v. 22, n. 3, p. 313-330, 2010.
- TAY, R.S. Degree of entrepreneurship: an econometric analysis using the ordinal probit model. Canterbury: Lincoln University (Department of Economics end Marketing discussion paper, n. 25) Nov. 1996.
- TOMEI, P. A.; LIMA, D. A. A. Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 107-122, jul./set. 2014.
- TAMVADA, J. P. Essays on Entrepreneurship and Economic Development. 2007. Thesis (Doctoral in Economics) - Göttingen: University of Göttingen, 14 Dec. 2007.
- TONIAL, M. A. L. A participação da mulher na agroindústria familiar na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- VEIGA, J. E. d. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estud. av., São Paulo**, v. 15, n. 43, p. 101-119, dez. 2001.